

CEDI - P. I. B.  
DATA 22, 05 1986  
COD AK D 01

#### 4. OS APIAKÁ

Pertencentes, lingüisticamente, ao Tronco Tupi, Família Tupi-Guarani, os Apiaká, hoje em dia, são apenas 63 indivíduos, que vivem em áreas não demarcadas, nos municípios de Itaituba (Pará) e Porto dos Gaúchos (Mato Grosso), segundo informações publicadas no Porantim de abril de 1982.

Las-Casas comenta que Ribeiro (1957) os considerou extintos como grupo tribal, observando que alguns viviam no Posto Kayabí e que outros, em pequeno número, encontravam-se dispersos nos seringaais da região do Tapajós. Las-Casas acrescenta que também haveriam alguns vivendo na Missão Franciscana do Cururu e que há versões não confirmadas sobre a existência, na área, de um grupo Apiaká isolado.

Malcher diz que, possivelmente, há grupos arredios vivendo na margem esquerda do rio Teles Pires e ainda refere-se a um grupo Apiaká de língua Karib, que existiu no baixo Tocantins (Pará).

O contato com os Apiaká desenvolveu-se a partir das viagens de exploração da bacia do Tapajós e seus formadores, especialmente no século passado, quando os colonizadores da região a percorriam em busca de produtos extrativos, riquezas minerais e caminhos fluviais que permitissem maior comunicação e desenvolvimento comercial entre Mato Grosso e Pará.

"Logo que pela Carta Regia de 14 de Setembro de 1815 o Senhor Rei D. João VI, de saudosa memoria, Houve por bem felicitar aos habitantes da Provincia de Mato Grosso, franqueando-lhes o commercio de importação e exportação entre esta e a provincia do Pará, isentando de todos os direitos, por tempo de dez annos, os generos e mercadorias que entrassem no mesmo commercio pela navegação do rio Arinos, foi esta frequentada por negociantes de uma e outra provincia; e pelas repetidas recommendações, e terminantes ordens do Governador e Capitão General o Marquez d'Aracaty, foi tratada com a maior humanidade possível a numerosa e guerreira nação Appiacás, que povôa com diferentes aldeas as vastas margens do dito rio Arinos, e assim se veiu a conseguir a amizade d'esta poderosa nação, que fez cessar todos os receios com que era feita a longa, fatigosa, e ardua viagem desde o registro do rio Preto até as primeiras povoações do Pará, em sertão totalmente inculto, e por saltos e catadupas, em que, além do imminente perigo das inundações pela correntesa das aguas, accrescia o continuo sobresalto das incursões d'estes selvagens, que a seu salvo o podiam fazer, em vista das localidades.

Vivia esta nação desconfiada, porque os primeiros navegantes do rio Arinos tinham disparado alguns tiros de espingarda para se desembaraçarem defensivamente dos guerreiros d'ella, que, vindo a reconhecê-los, principiaram a fazer hostilidades, que se devia evitar, visto não atenderem aos signaes, que se lhes dava de paz e

concordia. Com a frequencia da navegação, e com os presentes que lhes mandou fazer o dito Capitão General, começaram a apparecer aos viajantes, e até entraram a admitir em suas aldeas alguns Brasileiros, que ahi quizeram ficar, com os quaes se foram familiarizando, e d'elles colheram as noticias precisas para o conhecimento que haviam ter do nosso character e da nossa obsequiosa correspondencia." (MEMORIA ... DOS APPIACÁS, 1844:305-306)

Em 1812 Miguel João de Castro e Thomé de França, numa viagem de 114 dias desde Cuiabá até Belém, entraram em contato com os Apiaká nas margens do rio Arinos, no trecho que vai da desembocadura de seu afluente esquerdo Sumidouro até o encontro do Arinos com o Juruena. Castro e França encontraram os primeiros Apiaká um dia antes da foz do rio que denominaram de São Francisco de Assis (atual rio dos Peixes), outro afluente do Arinos.

Na Memoria ... dos Appiacás consta que em 1818 Antonio Peixoto de Azevedo, navegando pelo Arinos, levou sete guerreiros Apiaká a Cuiabá, presenteou-os e devolveu-os a sua gente. Este fato animou um chefe Apiaká, que acompanhado de quatorze guerreiros, em 1819 visitou Cuiabá, tendo sido muito bem recebido pelo novo Capitão General, o Barão de Villa-Bella. Estes índios declararam que habitavam a aldeia Tacatinga, situada nas margens do Arinos, com população de 1.500 indivíduos. Sobre esta visita, o autor não identifica o semente que, tendo encontrado com os índios, julgou ver traços de mestiçagem com branco em alguns deles. Referiu-se, então, a uma missão de jesuítas espanhóis, que teria sido fundada clandestinamente em território sob domínio português e que, por isto, foi destruída em 1740. A missão estava estabelecida nas cabeceiras do rio Cuiabá, próximas às cabeceiras do rio Arinos. O autor supõe que os possíveis índios mestiços seriam fruto do contato com os brancos desta antiga missão.

A expedição do Sr. de Langsdorff ao interior do Brasil (1825 a 1829), relatada por Florence, também entrou em contato amistoso com os Apiaká e demorou-se entre eles por dez dias, visitando quatro malocas. Florence observou a existência de alguns animais domésticos numa delas. Os índios declararam que eles haviam sido levados até lá por um português de nome Peixoto. O autor, além de descrever hábitos e costumes dos Apiaká, referiu-se, também, a uma aldeia existente no Juruena, poucas léguas acima da confluência deste com o Arinos. O encontro da expedição com os Apiaká ocorreu em abril de 1828 e Florence menciona que, seis anos antes, um certo Padre Lopes internou-se no rio dos Peixes a procura da Serra dos Martírios, rica em ouro, levando índios Apiaká como guias e aí encontrou índios "Tapanhumas", contra os quais teve que lutar.

José Antonio Pimenta Bueno, que foi Presidente da Província

P. d. S.

cia de Mato Grosso, num discurso publicado em 1840, assim se refere aos Apiakã, demonstrando claramente os objetivos governamentais em relação ao contato com estes índios, na época:

"A boa indole e serviços dos Apiacãs promettem-nos igualmente interesses na navegação do Jurue na para o Pará."

E mais adiante, na mesma página:

"Desconhecemos todo o terreno que medeia entre o Rio S. Manoel, denominado também Tapajós, e seus numerosos afluentes: nossa divisa toda com a Província do Pará, à excepção de dois pontos, é inteiramente desconhecida na longa extensão de trezentas e vinte leguas." (BUENO, 1840:168)

"A cathequese ... offerceria grandes vantagens, sem o temor dos perigos e estragos que ameaçam; novas explorações e viagens se abririão, novas minas serião descobertas, novos productos e novas sahidas a elles; e os proprios Indigenas, como outros já fizerão, conheedores do territorio, servir-nos-hião de guias." (BUENO, 1840:169)

Na Memoria da Nova Navegação do Rio Arinos, publicada em 1856, o autor anônimo calculou em 16.000 o número destes índios e menciona que eles estavam em contato pacífico com os brancos há quatro anos. Refere-se, também, aos índios "Tapaúma" como habitantes das cabeceiras do rio dos Peixes e inimigos dos Apiakã. A este respeito, Castelnau (1851) cita os "Tapanhunus" e "Moutoniways", ambos de língua Tupi e Bossi (1863) aponta os "Tapanuna y Murcielagos" como os inimigos naturais dos Apiakã. Rondon, na primeira década deste século, ainda menciona os Nanbikuára.

Por volta de 1870 o comércio entre Cuiabá e Belém era intenso, através do rio Arinos e os Apiakã prestavam grandes serviços aos viajantes na passagem das cachoeiras.

Coudreau, em sua viagem ao Tapajós, de 1895 a 1896, encontrou estes índios já bastante adaptados ao modo de vida da sociedade nacional e engajados nos trabalhos de extração da borracha. Menciona Paulo da Silva Leite, grande produtor de borracha da região que, instalado junto da cachoeira de Todos os Santos (hoje Paulo Leite), desempenhava um papel de conselheiro e protetor destes índios.

"Ha seis anos está nesse local, porteiro do alto Tapajós, patrão e protetor dos Apiacãs." (COUDREAU, 1941:92)

"Dispondo da obediência duma tribu de indios, como maior de todos os seus projetos, pretende reunir em torno de si todos os Apiacãs, para dedicar-se em grande escala à criação de gado nos prados artificiais que está começando a formar entre a "sua" cachoeira e o salto São Simão." (COUDREAU, 1941:93)

O mesmo autor encontrou, perto da cachoeira de São Florêncio, a maloca do Bananal Grande, que três anos antes tinha sido incendiada, assim como suas roças, pelos "Tapanhunus". Depois do ocor-

rido, os habitantes do local transferiram-se para o igarapé da Cachoeira. No que se refere à população, Coudreau estimou um total de apenas 100 índios Apiakã. (ANEXO 1)

Sousa, membro da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (Comissão Rondon), assim descreve um incidente que ocasionou a morte de muitos Apiakã, ocorrido na primeira década do século XX:

"Vivem estes índios em grande aldeamento junto à barra do rio Apiacã, distante 294 kilometros do ribeirão Tapaiúna.

Estavam em boa harmonia com os seringueiros que tinham atingido a barra daquelle affluente. Um ex-collector de Matto-Grosso, à barra do Telles Pires, Paula Corrêa, homem prepotente e mão, entendeu, porém, de escravizar os apiacãs com o fim de empregal-os em seu serviço como canoeiros (Paula Corrêa era collector e seringueiro). A pretextó de fiscalização, fez-se acompanhar de uma escolta de 20 homens bem armados, até o barracão S. José, onde, chegando, prendeu seu proprietário Alfredo e o empregado Elias Praxedes e intimou-os a irem buscar todos os índios Apiacãs.

Chegados estes, Paula Corrêa, pretextando dar-lhes presentes, recolheu-os ao barracão, mandou amarral-os por sua escolta e levou-os para a Collectoria, onde poucos chegaram, sendo quasi todos mortos covardemente, na viagem.

Alfredo e Elias conseguiram salvar 20 índios que depois desta traição abandonaram a aldeia e intemaram-se na matta das cabeceiras do rio Apiacã, nunca mais apparecendo na barra deste. Na enchente rodam canoas de casca que escapam do porto dos Apiacãs.

Conhecemos no barracão de S. José, hoje de propriedade de Elias Praxedes, duas índias Apiacãs - Petronilha e Antonia - que estão sendo criadas por D. Athanzia, mãe de Elias. São duas irmãs orphans. Seu pae foi traiçoeiramente amarrado e depois covardemente assassinado pelos sicanos de Paula Corrêa, de tristissima memoria."

(SOUSA, 1916:93-94)

No relatório da Comissão de Linhas Telegráficas referente aos anos de 1911 e 1912 Rondon menciona que, próximo ao Salto Augusto, foram encontrados os sinais do grande aldeamento Apiakã "de onde o barbaro collector do S. Manuel, Paulo Correia, posteriormente assassinado pelos seus sequazes, mandára expulsar aquelles índios matando grande parte delles, para roubar-lhes as mulheres." (RONDON, 1915:42) O autor ainda observou que, depois da tragédia, estes índios internaram-se entre os rios S. Manoel e Juruena, não se tendo mais notícia ségura do seu paradeiro.

Outro membro da Comissão Rondon, o Capitão Manuel Theophilo da Costa Pinheiro, que explorou o Juruena, menciona que a Coletoria de Mato Grosso no São Manoel foi fundada em 1902. Thomaz Carneiro, o primeiro coletor e seu irmão Ernesto Carneiro, comandante do destacamento policial, perseguiram os Apiakã e uma noite, por desforra, os

Índios invadiram a Coletoria e mataram os dois. Fabio Freire foi o coletor que substituiu Carneiro. Continuou a perseguir os índios, com o fito de vingar seu antecessor. Um dia chamou-os para um café no baracão da Coletoria e o contingente policial atirou contra eles, matando quase todos. Apenas uma mulher escapou. Freire, depois, reuniu cem homens, entre seringueiros e pessoal da Coletoria, e atacou uma maloca Apiakã na Cachoeira S. Florêncio. Exterminou quase todos os moradores. Antonio Gomes de Lima, o substituto de Freire, foi considerado um bom coletor, tendo permanecido na função por cerca de três anos. Em seguida foi substituído por Paula Corrêa, do qual já se falou e que cometeu violências não só contra os Apiakã, como também contra os seringueiros da região. O novo coletor, José Sotêro Barrêto, normalizou a situação e inaugurou uma época de paz e prosperidade no local.

Pinheiro, em fevereiro de 1912, encontrou 32 índios vivendo na Coletoria, sendo 16 mulheres, 7 homens e 9 crianças.

Em 1966 Grünberg encontrou indícios de um grupo Apiakã a cinco dias de marcha ao norte do alto rio dos Peixes (também conhecido por S. Francisco, Itaupiami ou Tatuí) e julgou tratar-se de um grupo isolado, que teria sido visitado por um índio Kayabí na década de 1950.

Os dados mais recentes, que obtivemos sobre os Apiakã, foram publicados no Porantim de dezembro de 1983, que informa que 120 Kayabí e 60 Apiakã vivem, atualmente, em reservas demarcadas desde 1975 e estão reivindicando seu aumento em 45 km<sup>2</sup>. Este aumento incluiria o Salto Kayabí e o acesso às margens do rio dos Peixes. Desta forma, ficariam garantidas a exploração da seringa pelos Apiakã, a pesca e o abastecimento de taquara para a confecção das flechas usadas pelos dois grupos. A CEMAT (Centrais Elétricas de Mato Grosso) pretende construir duas usinas hidrelétricas na região (denominadas, respectivamente, Kayabí e Apiakã) e, para tanto, já abriu uma estrada de acesso ao local. Com a construção das usinas e exploração da queda d'água pela CEMAT, o Salto Kayabí seria destruído e grande área de terra seria inundada, impossibilitando a continuidade das atividades de subsistência dos índios. Observe-se que o salto encontra-se localizado a cerca de apenas 500 metros da divisa leste das reservas, que são contíguas, segundo o artigo publicado no citado periódico. O mesmo artigo localiza estas reservas no município de Juara (Mato Grosso), contradizendo as informações do nº de abril de 1982 (vide 1º parágrafo deste item).

Embora o Porantim de dezembro de 1983 faça referência a reservas vizinhas, uma dos Kayabí e outra dos Apiakã, o de abril de 1982 publicou, na página 7, as duas áreas como sendo Territórios Índigenas Kayabí e mencionou os Apiakã em áreas ainda não demarcadas, situados na mesma região que os Kayabí e no município de Itaituba, no

Pará.

"Quando foram demarcadas, há oito anos, as reservas dos Kayabí do Tatuí e dos Apiakã pareciam ter dimensão suficiente para abrigar as duas populações. Naquele tempo, porém, as fazendas e colonizadoras ainda não haviam cercado essas áreas indígenas. Os Kayabí e Apiakã circulavam livremente além das áreas demarcadas, para buscar tanguara e extrair seringa. O salto no rio dos Peixes, embora fora da área reservada, era realmente deles. Mas chegaram as fazendas e a CEMAT ..."  
(PORANTIM, dez./1983:13)

Um mapa da FUNAI, datado de 1969, aponta o território ocupado pelos Apiakã e Kayabí naquela ocasião, antes da demarcação das reservas. (MAPA 6)